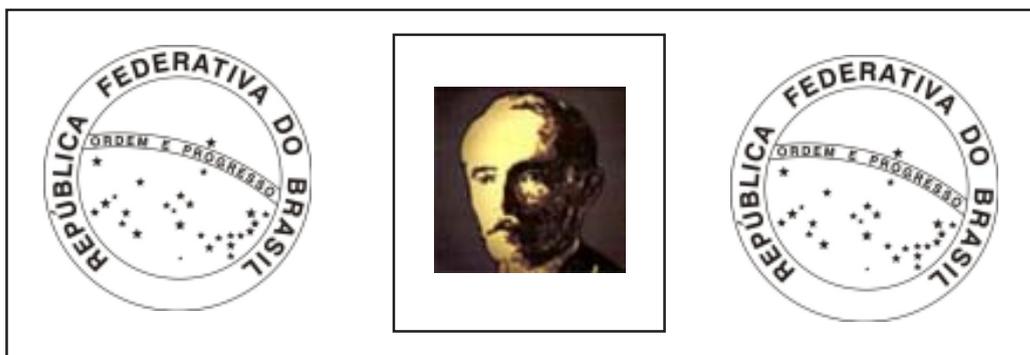


POSITIVISMO EM FAMÍLIA:
O PROJETO PEDAGÓGICO DE CARLOS TORRES GONÇALVES

Paulo Pezat



RESUMO: O sistema filosófico elaborado por Auguste Comte apresenta uma natureza essencialmente pedagógica, visto que propõe uma “regeneração” da humanidade. O projeto pedagógico comtiano atribui à mulher e à família o papel de formar uma nova humanidade e divide a educação de crianças e de jovens em sucessivos períodos de sete anos. Adepto da Religião da Humanidade, vertente ortodoxa do positivismo, o engenheiro civil e funcionário público gaúcho Carlos Torres Gonçalves (1875-1974) escolheu sua noiva, realizou seu matrimônio e educou os seis filhos dele resultantes procurando sempre se manter fiel aos postulados de Comte, em uma inusitada tentativa de levar o positivismo para a esfera da vida privada.

PALAVRAS-CHAVE: Positivismo; Religião; Pedagogia; Família.

ABSTRACT: The philosophical system elaborated by Auguste Comte presents a nature that is essentially pedagogical, for it proposes a “regeneration” of Humanity. Comte’s pedagogical project attributes to women and to the family the role of forming a new humanity and divides the education of children and youngsters in successive periods of seven years. As a follower of the Religion of Humanity, an orthodox trend of positivism, the civil engineer and public servant from Rio Grande do Sul, Brazil, named Carlos Torres Gonçalves (1875-1974), chose his fiancée, married her and brought up the kids born from this marriage, seeking always the faithfulness towards Comte’s postulates, in an unusual attempt of bringing positivism to the sphere of private life.

KEYWORDS: Positivism; Religion; Pedagogy; Family.



1. INTRODUÇÃO

Em suas diversas vertentes, o positivismo foi, indubitavelmente, um dos sistemas de idéias que maior influência exerceu no Brasil entre as décadas finais do século XIX e iniciais do século XX. Além da influência política no estabelecimento da República, o pensamento de Auguste Comte também deixou marcas no sistema de ensino. Mas o propósito deste breve artigo não é estudar tal ascendência geral do positivismo sobre aspectos do sistema educacional implantado no país a partir da República Velha, e sim analisar a forma peculiar como o pensamento de Comte foi recebido e adaptado pelo engenheiro civil e funcionário público gaúcho Carlos Torres Gonçalves (1875-1974), particularmente abordando a influência do ideário positivista na constituição de sua família e na educação dos filhos.

O âmbito do texto, portanto, é o da história das idéias, da vida privada e da micro-história.¹ Porém, antes de tratar da recepção do ideário positivista por parte de Torres Gonçalves, é preciso esboçar, em linhas gerais, as características principais do pensamento de Auguste Comte, particularmente no campo educacional.

2. A PEDAGOGIA COMTIANA

O sistema de pensamento elaborado por Comte tem como uma de suas características principais o caráter pedagógico, visto que o filósofo entendia que a humanidade, pelo menos a parte vinculada à civilização européia, necessitaria ser “regenerada”. Para o fundador da filosofia positivista os tempos modernos seriam marcados pela anarquia decorrente do fim da unidade espiritual após a cisão da

cristandade, quando a sociedade teológica e feudal se desestruturou.

Conforme assinalou Paul Arbousse-Bastide, em *La doctrine de l'éducation universelle dans la philosophie d'Auguste Comte*, a obra do filósofo pode ser compreendida como um imenso projeto pedagógico. Neste sentido, já no *Plano dos trabalhos científicos necessários para reorganizar a sociedade*, ensaio redigido por Comte em 1822, a intenção de utilizar a educação para promover a regeneração humana está explicitada. No referido texto Comte prometeu desenvolver a pedagogia positivista em um “*Traité de l'Éducation Universelle*”, obra que nunca escreveu. Deste modo, as concepções educacionais de Comte devem ser buscadas em fragmentos dispersos no conjunto de sua obra (Arbousse-Bastide, 1957: 11-12).

Naquele ensaio seminal de 1822, após formular a lei dos três estados e vaticinar que a “anarquia metafísica” daria lugar à era positivista, estágio último da evolução intelectual da humanidade, marcado pela supremacia da ciência e da indústria, Comte apresentou uma classificação das diferentes ciências. No seu entender, o campo do conhecimento humano se dividiria em seis áreas: matemática, astronomia, física, química, biologia e física social – que depois receberia a denominação de sociologia (Comte, 1972: 82-86).

Posteriormente, nos seis volumes do *Cours de philosophie positive* (1830-1842), ao tentar explicar a sociedade e o mundo aos homens através de um programa de educação enciclopédica, Comte se propôs a depurar tais campos do saber de influências teológicas e metafísicas, conferindo-lhes bases meramente racionais e científicas. Na mesma obra também concebeu que a sociedade positivista seria governada por uma elite de técnicos e de cientistas. Mais tarde, sob a influência de Clotilde de Vaux, ao pretender criar uma

religião científica baseada no amor visando atrair as mulheres e os proletários para o positivismo, Comte escreveu o *Système de politique positive* (1851-1854), obra na qual reformulou sua proposta anterior e procurou atribuir bases científicas para a moral, sugerindo que o proletariado tivesse seus trabalhos gerenciados por um “patriciado” (burguesia industrial) e que este se submetesse à direção de técnicos e cientistas, os quais receberiam orientação espiritual do sacerdócio positivista, que, por sua vez, estaria sob a influência regeneradora do sexo feminino.

Mas foi no *Catecismo Positivista*, de 1852, onde Comte desenvolveu de forma mais explícita sua concepção das fases da vida e, particularmente, da educação, dividindo-a em diferentes etapas. De acordo com o filósofo, os indivíduos teriam sua primeira infância do nascimento até os sete anos, a segunda infância dos sete aos 14 anos, a adolescência dos 14 aos 21 anos, a juventude dos 21 aos 28 anos, a virilidade entre 28 e 42 anos, a maturidade entre 42 e 63 anos e a velhice após os 63 anos de idade (Comte, 1934: 128-141). O período dedicado à educação se dividiria em três etapas de sete anos cada ao longo dos primeiros vinte e um anos de vida do indivíduo.

De acordo com Auguste Comte, entre o nascimento e os sete anos de idade a criança deveria ficar aos cuidados da mãe, que dirigiria uma “educação inteiramente espontânea, ao mesmo tempo física, intelectual e moral”, tendo por objetivo principal o desenvolvimento motor e da linguagem. Através da adoração da mãe, a criança esboçaria ainda o culto positivo à Humanidade.

Na segunda etapa, a partir dos sete anos de idade até às vésperas da puberdade, aos 14 anos, os estudos se tornariam regulares, embora ainda dirigidos pela mãe no ambiente doméstico. Nesta fase a educação da criança se voltaria para os trabalhos estéticos,

preferencialmente para a música e o desenho, para isto sendo importante que a mãe tivesse recebido uma adequada formação cultural. Também ocorreria a aprendizagem da leitura e da escrita, priorizando-se o contato com as obras-primas de todos os tempos condensadas na Biblioteca Positivista.

Finalmente, entre os 14 e os 21 anos de idade, o adolescente deveria receber uma educação sistemática, não mais ministrada pela mãe no domicílio, mas por sacerdotes positivistas em uma escola anexa ao templo da Humanidade, onde estudaria o conjunto das sete ciências – matemática, astronomia, física, química, biologia, sociologia e moral. Para Comte, ao longo destas etapas sucessivas o educando reproduziria os estágios da evolução intelectual da humanidade, partindo do fetichismo e passando pelo politeísmo, pelo monoteísmo e pela metafísica antes de atingir o estado positivo (Comte, 1934: 301-306).

O projeto pedagógico de Comte jamais foi posto em prática em sua plenitude, embora alguns esboços tenham ocorrido por iniciativa da *Société Positiviste*, entidade fundada pelo filósofo em 1848 com o intuito de estabelecer um canal de comunicação com os proletários e de interferir no rumo dos acontecimentos políticos que abalaram a França e a Europa naquele ano. Alguns de seus membros, como o Dr. Robinet, Edger e Tinayre, tentaram pôr em prática o projeto pedagógico positivista, mas sem levá-lo às últimas conseqüências, pela ausência de um sacerdócio positivista que ministrasse a terceira etapa (Wartelle, 2001: 241-347).

3. TORRES GONÇALVES E A PEDAGOGIA POSITIVISTA

Os primeiros contatos de Carlos Torres Gonçalves (1875-1974) com o pensamento de

Auguste Comte ocorreram ainda na infância, passada na cidade de Rio Grande durante os últimos anos do Império, pois dois de seus irmãos mais velhos manifestavam simpatias pelo positivismo, associado no Rio Grande do Sul à propaganda desenvolvida por Demétrio Ribeiro e por Júlio de Castilhos à frente do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR).

Em 1886, com o suicídio do pai, um médio comerciante nascido em Portugal, Carlos, seus quatro irmãos e a mãe foram para São Leopoldo, onde ele passou a estudar em uma escola mantida por jesuítas. No momento da proclamação da República, Joaquim e Luís - os irmãos mais velhos de Carlos Torres Gonçalves - estudavam na Escola Militar do Rio de Janeiro, onde a influência positivista era intensa, graças à presença de Benjamin Constant.

Durante a Revolução Federalista (1893-1895), Joaquim e Luís Torres Gonçalves acompanharam a dissidência republicana liderada por Demétrio Ribeiro que se uniu à oposição liberal contra Júlio de Castilhos, que então havia conquistado o domínio absoluto sobre o PRR. Em decorrência disto, foram expulsos da Escola Militar e acabaram por se exilar em Buenos Aires. No mesmo ano do término do conflito no Rio Grande do Sul, Carlos Torres Gonçalves foi para o Rio de Janeiro, visando cursar engenharia na Escola Politécnica.

Na capital federal, Torres Gonçalves se aproximou de alguns colegas que freqüentavam a Igreja Positivista do Brasil, instituição de caráter ortodoxo fundada em 1881 por Miguel Lemos e por Teixeira Mendes. Mas sua adesão integral à Religião da Humanidade só ocorreu em 1899, quando já havia se formado e estava de volta ao Rio Grande do Sul, onde passou a trabalhar como engenheiro da Secretaria Estadual de Obras Públicas e a auxiliar na propaganda desenvolvida por um reduzido



número de adeptos da Igreja Positivista do Brasil (IPB), integrado essencialmente por engenheiros e funcionários públicos estaduais, como eram os casos de Carlos Torres Gonçalves, de João Luís de Faria Santos e de Joaquim José Felizardo Júnior.

Em 1901, então com 26 anos de idade, Carlos Torres Gonçalves noivou com Dagmar Flores Pereira da Cunha, sete anos mais moça que ele. Na carta que escreveu a Corina Flores, avó de Dagmar, para pedir-lhe consentimento para aproximar-se de sua neta, Torres Gonçalves explicitou seus vínculos com o pensamento de Auguste Comte: “Adepto do Positivismo, a doutrina em que procuro inspirações para todos os atos de minha vida, dele aprendi as santas reações morais que se deve esperar do laço preliminar para o qual peço, neste momento, a aprovação vossa e de minha mãe”. Portanto, além da influência positivista que levou para o âmbito de suas atividades profissionais como Diretor de Terras e Colonização do governo estadual, ao promover a demarcação de terras indígenas – seguindo a influência de Cândido Rondon, seu confrade na IPB –, Torres Gonçalves também procurou estruturar sua vida privada de acordo com os preceitos estabelecidos por Comte. Neste sentido, naquela mesma carta à avó de sua noiva Torres Gonçalves acrescentou:

Dado o ponto de vista em que me acho hoje colocado, da mais completa subordinação aos sagrados ensinamentos da Religião da Humanidade, grandes são os deveres que tenho a cumprir, e parece-me, pois, que, num momento como este, tão decisivo para o futuro de duas famílias que se virão assim a fundir numa por intermédio do principal sacramento social, vos devia a expressão das minhas disposições e dos meus votos. E é ainda dessa atitude que decorre, como conseqüência, a obrigação em que me acho, por mim e principalmente por D. Dagmar, de aguardar, em observância a uma prescrição positivista, que completemos respectivamente 21 e 28 anos para realizarmos o nosso casamento.²

Pode-se depreender que a própria escolha da noiva por parte de Torres Gonçalves, com sete anos menos que ele, ocorreu em observância às indicações de Comte acerca de como deveria ser o casamento positivista ideal.

Procurando iniciar a doutrinação positivista da futura esposa, Torres Gonçalves sugeriu-lhe uma série de leituras. Frequentemente ausente de Porto Alegre, em função de suas atividades de planejamento de núcleos urbanos, de construção de estradas e de demarcação de terras indígenas e de lotes coloniais, Torres Gonçalves escrevia com assiduidade para Dagmar. Deste modo, em 3 de maio de 1903, Torres Gonçalves propôs que todo dia, à mesma hora, antes de dormir, ambos lessem partes pré-estabelecidas do *Ano sem par*, obra de Teixeira Mendes que trata da relação de Auguste Comte com Clotilde de Vaux. Deste modo, segundo o noivo, ambos entrariam em “comunhão espiritual”.

O casamento de Dagmar e Carlos Torres Gonçalves ocorreu em 1903, quando ambos estavam com as idades prescritas pelo filósofo francês, e foi realizado em duas etapas, com o

casamento religioso - ocorrido em setembro - precedendo o casamento civil em três meses, período durante o qual o casal coabitaria sem ter relações sexuais, de modo a “submeter os sentimentos egoístas do homem aos sentimentos altruístas da mulher”, de acordo com a proposição de Comte, conforme atesta a ata da cerimônia e a intensa correspondência que o engenheiro gaúcho manteve com Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Aquele foi o primeiro dos três casamentos celebrados em Porto Alegre pela Igreja Positivista do Brasil.

Como se percebe, pretendendo fazer de sua família uma célula regenerada da humanidade, Torres Gonçalves procurou constituí-la em estreita sintonia com os preceitos comtianos, não descuidando detalhe algum.

Em fevereiro de 1905 nasceu Sofia Mariana, a primeira filha de Carlos e Dagmar Torres Gonçalves. O nome não foi escolhido de forma aleatória, sendo uma homenagem a Sophie Bliaux, criada que serviu a Comte em seus últimos anos de vida - sendo por ele chamada de um de seus “três anjos da guarda” -, e a Mariana Palmeiro Pereira da Cunha, mãe de Dagmar, falecida quando esta ainda era criança. Em 29 de março de 1905, em viagem pela região serrana do Rio Grande do Sul, Torres Gonçalves escreveu uma carta à esposa em que fez alusão ao nascimento da filha primogênita:

São passados agora 19 meses do ato civil do nosso casamento e de feliz vida conjugal, e para o coroamento de tantos dons já acumulados sobre as nossas cabeças, a Humanidade (...) acaba de confiar ao nosso amor a ao nosso zelo religioso um tenro rebento Seu, afim de que o eduquemos nos Seus santos ensinamentos e para o Seu sagrado serviço. Procuremos nós, pois, corresponder a esta nova e doce missão, embora difícil, e a tantas

bondades, por um devotamento constante e sinceros esforços de aperfeiçoamentos de toda a sorte, de modo a conseguirmos tornar a nossa querida Sofia Mariana digna das suas Padroeiras, isto é, fazermos dela uma zelosa e ardorosa servidora da Humanidade, a Deusa do Futuro, que um dia felicitará a espécie humana, como já hoje felicita a nós, transformando a Terra em Paraíso.

Na continuação da carta Torres Gonçalves aludiu ainda a um livro que havia lido do médico positivista francês Audiffrent, que veiculava a seguinte teoria: "(...) faço remontar a educação até a concepção, de maneira a compreender nela a gestação, aperfeiçoando assim a presidência materna na procriação, bem como a influência social que a Mãe transmite". Acerca desta passagem, Torres Gonçalves referiu a Dagmar que a esposa positivista desempenha um papel fundamental na regeneração da humanidade através da educação conferida aos filhos, concluindo:

Os sentimentos altruístas de tua alma, assim exaltados, devem mesmo transmitir-se aperfeiçoadas às dos filhos. E tais são os votos que precisa formular a Esposa positivista, a quem cumpre esforçar-se cada vez mais pelo aperfeiçoamento de sua natureza, jamais esquecendo que é 'da Mulher que provém fundamentalmente o homem', segundo a lei que resume a teoria positivista da hereditariedade, como é da adesão dela que depende a vitória final do Positivismo, conforme o nosso Mestre o provou. A sua influência educadora é mesmo eterna, pois que começada já na concepção e continuada durante a gestação, prolonga-se em seguida objetivamente por todas as fases sucessivas da existência do filho, e perpetua-se, afinal, subjetivamente, depois da morte, pelos aperfeiçoamentos

incessantes que o culto de sua memória opera nos que ficam.

Finalizando aquela missiva à esposa, Torres Gonçalves expressou a esperança de que a Humanidade ainda lhes dessem outros "servidores", lembrando ainda que, "destinadas a formar homens, as mulheres devem ser, como os autores, julgadas pelas suas obras (...). Pois bem, que glória maior para uma Mãe que a de produzir dignos servidores da nossa Deusa!".

De acordo com a expressão de tal desejo, nos anos seguintes Carlos e Dagmar Torres Gonçalves tiveram outros cinco filhos. Em 1906 nasceu Rosália, nome dado em homenagem a Rosalie Boyer, mãe de Comte e outro de seus "anjos". Dois anos após nasceu Clotilde, nome dado em homenagem à musa inspiradora do filósofo e o seu terceiro "anjo da guarda". Em 1909 nasceu Jorge, seguido no ano seguinte por Paulo e, dois anos após, por Branca, todos recebendo nomes que constam do calendário positivista (Comte, 1934: 397).

Com relação à educação conferida aos seus seis filhos, Carlos e Dagmar Torres Gonçalves não os enviaram a nenhuma das inúmeras escolas existentes em Porto Alegre e em seus arredores. Entendendo que as escolas religiosas poderiam inculcar idéias superadas nas mentes das crianças, tal como a crença em Deus e em outras entidades sobrenaturais, e que as escolas públicas ainda estavam sob a influência da metafísica, o casal Torres Gonçalves procurou supervisionar pessoalmente a educação ministrada aos seus filhos por professores particulares.³

Nesse aspecto os filhos de Carlos e Dagmar Torres Gonçalves se diferenciaram nitidamente das demais crianças de sua classe social, que geralmente freqüentavam escolas privadas. Dentre os professores que freqüentaram a casa da rua José Bonifácio e lecionaram para Sofia Mariana, Rosália Beatriz,

Clotilde Tereza, Jorge Baiardo, Paulo Trajano e Branca Marina, estiveram Mme. Bourlieau (francês), Miss Leives (inglês), Irene Schulman (alemão); Francisco Belanca (desenho); Octavio Saint-Jean Gomes (matemática), Gládis Ferreira (bandolim), Célia Ferreira Lassance (piano), Amália Iracema (canto) e Mr. Simm (violino).⁴

A atividade cotidiana de acompanhar as lições dos filhos era realizada por Dagmar, visto que Torres Gonçalves estava em seguidas viagens de trabalho pelo interior do Rio Grande do Sul. Mesmo quando estava na capital, o engenheiro passava o dia no prédio da Secretaria de Obras Públicas, no centro da cidade. Quando estava em casa também tinha de ocupar-se da correspondência, da elaboração de relatórios profissionais e das atividades relacionadas à propaganda positivista. Assim mesmo, Torres Gonçalves procurava manter-se informado acerca do andamento dos estudos realizados pelos filhos.

Em 4 de abril de 1917, Torres Gonçalves escreveu uma carta para sua filha Sofia, então com 12 anos de idade, na qual novamente se percebem reflexos da pedagogia positivista:

Agora quero saber da minha querida filhinha o que ela e seus irmãozinhos têm feito. Estou certo que todos têm sido muito bonzinhos e obedientes com sua querida Mãe; que Sofia, Rosália e Clotilde têm estudado muito música e preparado com interesse as suas lições; que Jorge e Paulo continuam fazendo progressos em leitura, ajudados pelas suas irmãzinhas, e que a Branquinha tem ajudado também a Mãezinha como uma boa doninha de casa. Daqui a dez dias estarei aí (hoje é dia 4) e terei o prazer de saber que as minhas esperanças estão confirmadas pelos meus queridos filhinhos.



Em 11 de fevereiro de 1919, de passagem por Comandá, próximo da fronteira com a Argentina, Carlos Torres Gonçalves escreveu uma terna carta para Sofia Mariana, que naquela data comemorava quatorze anos de idade. Tendo por epígrafe a máxima de Clotilde de Vaux “Que prazeres podem exceder aos da dedicação?”, o engenheiro gaúcho, após lamentar sua ausência, lembrou à filha a importância daquela data:

Tu terminas hoje a segunda infância e comesas uma fase nova na existência. Já recebeste o primeiro sacramento positivista, que é o da Apresentação, no Templo do Rio de Janeiro. Se a situação social já fosse mais favorável, tu receberias agora o segundo sacramento, que é o da Iniciação, antes de comesares, sob a direção de um sacerdote positivista, o estudo das sete ciências que dão a conhecer as leis do mundo e do homem e nos habilitam a melhor servir à sociedade, isto é, à Família, à Pátria e à Humanidade. Mas infelizmente este sacerdote não existe ainda, e terá de ser sob as minhas vistas que encetarás, um pouco mais tarde, com mais lentidão, e sobretudo com menos eficácia, o estudo sistemático das ciências.

Prosseguindo aquela mesma carta, depois de lembrar a Sofia Mariana acerca da importância de que ela se espelhasse nos exemplos de Clotilde de Vaux, de Auguste Comte e das padroeiras homenageadas em seu nome, Torres Gonçalves passou a tratar com a filha adolescente da possibilidade de um futuro casamento:

Entrando agora na adolescência, minha querida Filha, a responsabilidade dos teus atos vai ainda aumentando. Nesta nova fase a preparação das tuas faculdades de sentimento, inteligência e caráter deve conduzir-te, aos 21 anos, ao sacramento da Admissão, pelo qual

confirmarás o teu nascimento positivista, aceitando voluntariamente todos os deveres a que estão sujeitos os crentes da Humanidade. E só então é que tu poderás pensar seriamente no passo mais importante na vida da Mulher, como do homem, que é o casamento. Para uma jovem, mais ainda do que para um jovem, é hoje bem difícil a realização deste passo, em virtude da desorganização profunda em que se acha a sociedade contemporânea. A nossa Doutrina consagra o casamento de um positivista com uma jovem de qualquer religião, porém não consagra o casamento de uma positivista senão com um jovem também positivista. Porque as disposições morais da Mulher, qualquer que seja a sua religião, podem sempre acabar por fazê-la simpatizar com a Doutrina que mais a dignifica, senão a aceitá-la, como aconteceu com tua Mãe; ao passo que seria difícil obter a Noiva tal resultado do noivo que previamente Ela não houvesse conseguido converter ao Positivismo.

Levando-se em consideração a exigência comtiana de que a noiva tivesse 21 anos contra 28 do noivo à época do casamento e que o número de positivistas religiosos reunidos na IPB era extremamente reduzido, somando apenas algumas poucas dezenas, a possibilidade de que Sofia Mariana encontrasse um noivo adequado era bastante remota. Ao vetar o casamento com alguém que não fosse positivista, Torres Gonçalves praticamente induziu a filha a permanecer solteira.

Concluindo aquela missiva tão significativa, Torres Gonçalves ainda lembrou à filha as obrigações que, na condição de mulher, lhe cabiam:

Tu já revelaste possuir os germens das principais qualidades da Mulher - ternura e pureza - que a fazem superior ao homem, em um ser

intermediário entre ele e a Humanidade. Mas esta mesma superioridade torna também maiores os deveres morais da Mulher. Respeitosa com os superiores, fraternal com os iguais, bondosa para com todos, em qualquer condição, deve a Mulher, como Mãe, Esposa, Filha, Irmã, Criada, constituir-se em verdadeiro Anjo da Guarda dos seres em cuja intimidade convive. Assim desejo eu ver-te, devotada a todos e querida de todos, como Filha verdadeira da Humanidade e sua constante servidora.

A ternura do pai pela filha é evidente na carta em questão, bem como a intenção de doutriná-la no positivismo comtiano. Sete anos depois, em 11 de fevereiro de 1926, na data em que Sofia Mariana completava 21 anos de idade, Torres Gonçalves voltou a lhe escrever. Começou lembrando a carta que lhe escrevera quando ela completara quatorze, para depois acrescentar:

Com relação ao casamento, conquanto toda a mulher deva aspirar a um digno matrimônio, e hajas atingido a idade em que esse delicadíssimo problema pode ser encarado com madureza, entretanto, cumpre não esqueceres o quanto preferível é o estado de solteira, a uma escolha desafortunada. Nos outros afetos, especialmente na ternura consagrada a filhos de adoção, conseguirá a mulher encontrar atenuações para a falta do apego principal. Possas tu, querida Sofia Mariana, no culto da nossa Deusa, das tuas Padroeiras e dos outros mortos queridos que possuímos, bem como na assistência objetiva das boas naturezas que te cercam, a começar por tua dedicada Mãe, encontrares amparo e estímulo para uma digna existência, no serviço da Família, da Pátria e da Humanidade.

Portanto, Torres Gonçalves ratificou seu descontentamento com um eventual casamento da filha com alguém que não fosse seguidor da religião da Humanidade. O desejo de Torres Gonçalves se concretizou. Sofia permaneceu solteira, vivendo com os pais até a morte destes, bem como duas de suas irmãs, Rosália e Branca. Apenas Clotilde se casou e teve descendentes.⁵

Com relação aos filhos do sexo masculino, Jorge e Paulo, Torres Gonçalves procurou evitar que fossem contaminados pela “pedantocracia acadêmica”. Deste modo, não os estimulou para que realizassem estudos superiores, diferentemente de sua própria trajetória, levando-os a exercerem funções proletárias. Assim, quando chegaram à adolescência, em meados da década de 1920, foram empregados por Frederico Westphalen - amigo de Torres Gonçalves - na demarcação de terras na região de Palmeira das Missões. Cabe lembrar que a sociedade brasileira deixara de conviver com a instituição do escravismo havia pouco e que o preconceito contra o trabalho braçal era ainda muito grande entre a elite brasileira. Dessa forma, Torres Gonçalves agiu de maneira inversa à tendência dominante entre os demais chefes de família de sua classe social, que procuravam assegurar aos filhos uma formação superior e assim possibilitar-lhes a ocupação de posições sociais de relevo.⁶

Mais tarde, em 1934, quando Jorge e Paulo tinham respectivamente 25 e 24 anos, Torres Gonçalves escreveu um texto intitulado “Atitude dos jovens positivistas em face da militarização do País e outras aberrações contemporâneas” (com o subtítulo “Notas para J. e P”), no qual teceu uma série de considerações acerca da complexa conjuntura histórica brasileira e mundial daquela conjuntura. Diante da ameaça de guerra e da possibilidade de que ambos fossem chamados para combater, Torres Gonçalves aconselhou

os filhos a não contribuírem para a militarização da sociedade. Assim, não deveriam eles voluntariamente servir nos “Tiros de Guerra”. Porém, no caso de invasão do país, deveriam servir voluntariamente.

Torres Gonçalves também chamou a atenção dos filhos para a proximidade de uma revolta proletária, “em conseqüência da ignorância ou menosprezo das soluções da política científica, dando satisfação ao mais exigente programa comunista”. Neste caso, Torres Gonçalves aconselhava que os jovens positivistas apontassem às massas proletárias os erros por elas cometidos, principalmente na quebra da continuidade histórica e na confusão entre os poderes temporal e espiritual.

Para Torres Gonçalves e para os positivistas ortodoxos, com base na formulação de Auguste Comte, o casamento e a constituição da família eram os assuntos mais importantes na vida de qualquer indivíduo, pois desta instituição social dependeria a regeneração de toda a humanidade. Tendo em vista que os familiares do engenheiro gaúcho procuraram agir em relação a este e a outros assuntos de modo a não desagradá-lo, a atividade pedagógica de Torres Gonçalves entre aqueles que compartilhavam de sua privacidade no cotidiano parece ter sido parcialmente bem sucedida.

Embora de maneira difusa, o positivismo exerceu forte influência sobre a cultura do mundo ocidental entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Mas raros foram aqueles que levaram a adesão ao ideário comtiano tão longe quanto Carlos Torres Gonçalves, que nele buscou inspiração para constituir e para educar sua família. De fato, podem ser considerados excepcionais o grau e a forma como nele se deu a recepção do positivismo.

T & M

Texto recebido em maio de 2006.

Aprovado para publicação em julho de 2006.

4. SOBRE O AUTOR

Paulo Pezat é Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Endereço eletrônico: pezat@terra.com.br.

PEZAT, Paulo. "Positivismo em família: o projeto pedagógico de Carlos Torres Gonçalves". *Revista Temas & Matizes* - Unioeste - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Vol. 5 - Nº 9 - 1º Semestre de 2006, p. 69-80.

5. NOTAS

1. Analisei mais detidamente a trajetória de Carlos Torres Gonçalves e a influência que recebeu do positivismo comtiano em minha tese de doutorado (Pezat, 2003), que consistiu em um estudo biográfico do personagem aludido. No referido trabalho abordo as tentativas de aplicação do ideário comtiano por parte de Torres Gonçalves tanto em sua vida pública, como funcionário público estadual e propagandista da vertente religiosa do positivismo, quanto em sua vida privada, na condição de pai de família.
2. As cartas de Carlos Torres Gonçalves para a avó de sua noiva, para a noiva e depois esposa e para os filhos e filhas referidos neste artigo encontram-se com seus descendentes, no Rio de Janeiro, enquanto que as cartas de Carlos Torres Gonçalves para Miguel Lemos e para Teixeira Mendes aqui referidas encontram-se no acervo da Igreja Positivista do Brasil.
3. Sobre a influência do positivismo no sistema educacional do Rio Grande do Sul durante a República Velha, consultar as seguintes obras: TAMBARA, Elomar. *Positivismo e educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo*. Pelotas: Editora da UFPel, 1995; e DILL, Aidê Campello. *A criança e o positivismo*. Porto Alegre: EST, 2005.
4. Conforme informação oral transmitida por Sofia Mariana Torres Gonçalves (1905-2003).
5. Clotilde Teresa Torres Gonçalves casou-se com o médico Caio Escobar, simpático ao positivismo, mas que não integrava a Igreja Positivista do Brasil.
6. Posteriormente, já no Rio de Janeiro, Jorge Torres Gonçalves trabalhou no Ministério do Trabalho. Paulo, por sua vez, já adulto e às suas custas, formou-se em engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a mesma onde seu pai, Miguel Lemos e Teixeira Mendes, havia estudado anteriormente.

6. REFERÊNCIAS

- ARBOUSSE-BASTIDE, Paul. ***La doctrine de l'éducation universelle dans la philosophie d'Auguste Comte***. Paris: Presses Universitaires de France, 1957 (2 tomos).
- COMTE, Auguste. ***Cours de philosophie positive (1830-1842)***. 2. ed. Paris: J. B. Baillière et Fils, 1869 (6 tomos).
- . ***Système de politique positive***. Paris: Carilian-Goury, 1851-1854 (4 tomos).
- . ***Catecismo positivista***. 4. ed. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brazil, 1934.
- . ***Opúsculos de filosofia social (1819-1828)***. Porto Alegre: Globo, 1972.
- DILL, Aidê Campello. ***A criança e o positivismo***. Porto Alegre: EST, 2005.
- GRANGE, Juliette. ***Lê vocabulaire de Comte***. Paris: Ellipses, 2002.
- PEZAT, Paulo Ricardo. ***Carlos Torres Gonçalves, a família, a pátria e a humanidade: a recepção do positivismo por um filho espiritual de Auguste Comte e de Clotilde de Vaux no Brasil (1875-1974)***. Porto Alegre, 2003. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- RIBEIRO JÚNIOR, João. ***Augusto Comte e o positivismo***. Campinas: Edicamp, 2003.
- TAMBARA, Elomar. ***Positivismo e educação: a educação no Rio Grande do Sul sob o castilhismo***. Pelotas: Editora da UFPel, 1995.
- WARTELLE, Jean-Claude. ***L'héritage d'Auguste Comte: histoire de l'Église Positiviste (1849-1946)***. Paris: L'Harmattan, 2001.

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

REVISTA TEMAS & MATIZES

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber